

crepúsculo

EDIÇÃO ESPECIAL DE  
ANIVERSÁRIO DE 10 ANOS



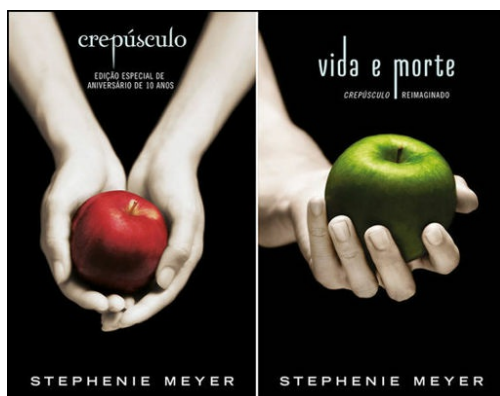
STEPHENIE MEYER

vida e morte

CREPÚSCULO | REIMAGINADO



STEPHENIE MEYER



COMEÇAR A LEITURA

*VIDA E MORTE*

*CREPÚSCULO*

SUMÁRIO

CRÉDITOS

*A todos os meus maravilhosos amigos e leitores:*

*Feliz aniversário de 10 anos! É difícil acreditar que faz tanto tempo que tudo começou. Mas meus filhos, que eram bebês, hoje são adolescentes enormes, então não dá para escapar da verdade.*

*Obrigada pelos dez anos de aventuras que superaram até as maiores expectativas que eu poderia ter para minha vida. Eu sou uma pessoa extremamente comum, mas minha experiência com vocês, fãs, me fez acreditar – pelo menos um pouquinho – em magia.*

*Para celebrar esse marco, inseri um bônus para que vocês possam aproveitar ainda mais o universo de Crepúsculo (e, no típico jeito Stephenie Meyer de ser, o bônus é maior que o original). Vocês encontrarão Vida e morte ao virar este livro e começar pelo outro lado. Eu adorei revisitar Forks e espero que com vocês aconteça o mesmo.*

*Vocês são fantásticos, amo vocês.*

*Obrigada!  
Stephenie*



*Vida e morte*



*Crepúsculo*

# vida e morte

CREPÚSCULO | REIMAGINADO



STEPHENIE MEYER



# vida e morte

*CREPÚSCULO* REIMAGINADO

STEPHENIE MEYER

TRADUÇÃO DE REGIANE WINARSKI E RYTA VINAGRE



*Para meus garotos, Gabe, Seth e Eli, por me deixarem participar da experiência de ser um garoto adolescente.*

*Eu não teria conseguido escrever este livro sem vocês.*



## PREFÁCIO



Oi, Querido Leitor!

Mais uma vez, feliz aniversário, e bem-vindo ao novo extra em comemoração aos dez anos da primeira edição original de *Crepúsculo*!

Mas uma coisa de cada vez:

SINTO MUITÍSSIMO.

Sei que vai haver muito choro e ranger de dentes porque este novo material adicional (A) não é totalmente novo e, principalmente, porque (B) não é *Midnight Sun*. (Se você está achando que eu não entendo sua dor, garanto que minha mãe já deixou isso bem claro para mim.) Vou explicar como este extra surgiu e espero que a explicação torne as coisas, se não melhores, ao menos compreensíveis.

Pouco tempo atrás, minha agente me procurou e perguntou se havia alguma coisa que eu pudesse fazer para o relançamento em homenagem ao aniversário de dez anos de *Crepúsculo*. A editora estava querendo algum tipo de prefácio ou uma carta de “feliz aniversário”. Eu achei... Bom, para ser sincera, achei bem sem graça. O que eu poderia escrever que fosse divertido e empolgante? Nada. Então, pensei em outras possibilidades, e, se faz você se sentir melhor, eu até pensei em *Midnight Sun*. O problema era o tempo: não havia tempo. Sem dúvida, não o bastante para escrever um livro, nem mesmo meio livro.

Enquanto eu refletia sobre *Crepúsculo* depois de tanto tempo longe da história e discutia o problema do aniversário com amigos, comecei a pensar em algo que eu falava antigamente, em sessões de autógrafo e entrevistas. Bella sempre foi muito censurada por ser salva em várias ocasiões, e as pessoas a acusavam de ser a típica *donzela em apuros*. A isso, sempre respondi que Bella é uma *humana em apuros*, um ser humano normal cercado de todos os lados por pessoas que são basicamente super-heróis ou supervilões. Ela também foi criticada por se deixar consumir demais pelo interesse amoroso, como se isso fosse exclusividade de meninas. Mas sempre defendi que não teria feito diferença se o humano fosse homem e o vampiro fosse mulher; ainda seria a mesma história. Deixando o gênero e a

espécie de lado, *Crepúsculo* sempre foi uma história sobre a magia, a obsessão e o frenesi do primeiro amor.

Então pensei: *E se eu testasse essa teoria? Poderia ser divertido.* Como costuma acontecer comigo, comecei acreditando que faria um ou dois capítulos. (É engraçado/triste o fato de que ainda não me conheço bem.) Lembra que falei que não havia tempo? Felizmente, este projeto, além de ser divertido, foi rápido e fácil. Acontece que não tem tanta diferença entre uma humana apaixonada por um vampiro e um humano apaixonado por uma vampira. E foi assim que Beau e Edythe nasceram.

Algumas observações sobre a adaptação:

1. Inverti o gênero de todos os personagens de *Crepúsculo*, mas há duas exceções.

- A maior é com Charles e Renée, que continuaram sendo Charles e Renée. O motivo é o seguinte: Beau nasceu em 1987. Era raro um pai ganhar a guarda de uma criança na época, mais raro ainda se fosse de um bebê. Seria necessário provar que a mãe era incapaz de alguma forma. Tenho dificuldade de acreditar que algum juiz da época (ou mesmo de agora) confiaria a criança a um pai ausente e desempregado, em vez de a uma mãe com emprego fixo e fortes laços comunitários. Claro, atualmente, se Charlie lutasse por Bella, talvez conseguisse tirá-la de Renée. Assim, o cenário menos improvável é o que acontece em *Crepúsculo*. O fato de que, algumas décadas atrás, os direitos da mãe eram considerados mais importantes que os do pai, assim como o fato de que Charlie não é do tipo vingativo, tornaram possível que Renée criasse Bella... e, nesse caso, agora, Beau.
- A segunda exceção é muito pequena, referente a alguns poucos personagens secundários mencionados apenas duas vezes. O motivo é meu equivocado senso de justiça por pessoas fictícias. Houve dois personagens no universo de *Crepúsculo* tratados injustamente ao longo da história. Então, em vez de mexer nesses personagens, dei a eles uma *virada*. Nada que acrescente à trama. Foi só uma questão minha, eu sendo estranha e cedendo à minha neurose.

2. Há bem mais mudanças no texto do que o fato de Beau ser homem tornaria necessário, então pensei em detalhá-las para vocês. As estimativas a seguir são

aproximadas, é claro. Não contei todas as palavras que mudei e nem fiz nenhum cálculo de verdade.

- 5% das mudanças foram feitas porque Beau é um garoto.
- 5% das mudanças foram feitas porque a personalidade de Beau se desenvolveu de forma um pouco diferente da de Bella. As maiores diferenças são que ele tem mais TOC, não se expressa nem pensa com tantos floreios e não é tão irritado; ele não tem a raiva do mundo que Bella sente o tempo todo.
- 70% das mudanças ocorreram porque me deixaram mexer no texto dez anos depois. Pude consertar quase todas as palavras que me incomodavam desde que o livro foi impresso, *e isso foi glorioso*.
- 10% foram coisas que desejei ter feito da primeira vez, mas que não me ocorreram na época. Pode parecer a mesma justificativa do item anterior, mas é ligeiramente diferente. Não é o caso de uma palavra que pareça errada ou fora do lugar, e sim de uma ideia que eu queria ter explorado antes ou de conversas que *deviam* ter acontecido, mas não aconteceram.
- 5% foram questões de mitologia (erros, na verdade), a maioria relacionada a visões. Quando fui trabalhar nas sequências de *Crepúsculo* e até em *Midnight Sun*, em que pude olhar dentro da cabeça de Alice a partir da perspectiva de Edward, a forma como as visões de Alice funcionavam foi refinada. Elas eram mais místicas em *Crepúsculo*, e, ao avaliar isso agora, vi que Alice poderia ter sido envolvida em situações nas quais não foi. Ops.
- Isso deixa uma sobra de 5% de miscelânea, para mudanças variadas, cada uma por um motivo diferente e, sem dúvida, egoísta.

Espero que você se divirta com a história de Beau e Edythe, apesar de não ser o que estava esperando. Eu me *diverti muito* criando esta nova versão. Amo Beau e Edythe loucamente. Não previ isso, e a história deles, para mim, renovou o mundo fictício de Forks e o deixou feliz de novo. Espero que também seja assim para você. Se você tiver um décimo do prazer que tive com esta história, vai ter valido a pena.

Obrigada por ler. Obrigada por fazer parte desse mundo, e obrigada por ser uma fonte tão incrível e inesperada de alegria na minha vida nessa última década.

Com amor,  
Stephenie

*Se o destino dele é estranho, também é sublime.*

Júlio Verne,  
*Vinte mil léguas submarinas*

## PRÓLOGO

NUNCA PENSEI MUITO em como morreria — embora nos últimos meses tivesse motivos suficientes para isso —, mas, mesmo que tivesse pensado, não teria imaginado que seria assim.

Olhei fixamente através do grande salão, dentro dos olhos escuros da caçadora, e ela retribuiu satisfeita o meu olhar.

Sem dúvida era uma boa forma de morrer, no lugar de outra pessoa, de alguém que eu amava. Nobre, até. Isso devia contar para alguma coisa.

Eu sabia que, se nunca tivesse ido a Forks, agora não estaria prestes a morrer. Mas, embora estivesse apavorado, não conseguia me arrepender da decisão. Quando a vida lhe oferece um sonho muito além de todas as suas expectativas, é irracional se lamentar quando isso chega ao fim.

A caçadora sorriu de um jeito simpático enquanto avançava para me matar.

# 1. À PRIMEIRA VISTA

17 DE JANEIRO DE 2005

Minha mãe me levou ao aeroporto com as janelas do carro abertas. Apesar de ser janeiro em todos os lugares, fazia 24 graus em Phoenix, e o céu era de um azul intenso. Eu estava usando minha camiseta preferida — a do Monty Python, com as andorinhas e o coco, que minha mãe me deu dois Natais antes. Não cabia mais direito, mas isso não importava. Eu não precisaria mais de camisetas em pouco tempo.

Na península Olympic, no noroeste do estado de Washington, há uma cidadezinha chamada Forks, quase constantemente debaixo de uma cobertura de nuvens. Chove mais nessa cidade insignificante do que em qualquer outro lugar dos Estados Unidos. Foi desse lugar e de suas sombras melancólicas que minha mãe fugiu comigo quando eu tinha apenas alguns meses de idade. Nessa cidade, eu fui obrigado a passar um mês a cada verão até ter 14 anos. Foi então que finalmente dei um ultimato. Nos últimos três verões, meu pai, Charlie, passou duas semanas de férias comigo na Califórnia.

Mas, de alguma forma, acabei exilado em Forks pelo resto dos meus dias de escola. Um ano e meio. Dezoito meses. Parecia uma sentença de prisão. Dezoito meses, em um presídio de segurança máxima. Quando bati a porta do carro ao sair, o barulho foi como o das grades sendo trancadas.

Eu sei, estou sendo meio melodramático. Tenho imaginação hiperativa, como minha mãe gostava de dizer. E, claro, a escolha foi minha. Exílio autoimposto.

O que não tornava as coisas mais fáceis.

Eu adorava Phoenix. Adorava o sol, o calor seco e a cidade grande e esparramada. E adorava morar com minha mãe, onde eu era necessário.

— Você não precisa fazer isso — disse ela pela centésima vez antes de eu chegar ao posto de segurança.

Minha mãe diz que somos tão parecidos que eu poderia usá-la como espelho para me barbear. Não é totalmente verdade, apesar de eu não me parecer em nada com meu pai. O queixo dela é pontudo e os lábios são grossos, bem diferente dos

meus, mas temos exatamente os mesmos olhos. Nela, são infantis, grandes e azul-claros, o que a faz parecer minha irmã, em vez de mãe. Ouvimos isso o tempo todo e, apesar de fingir não gostar, ela adora. Em mim, o azul-claro fica menos juvenil e mais... indeciso.

Ao olhar para aqueles olhos grandes e preocupados, tão parecidos com os meus, senti pânico. Eu cuidava da minha mãe desde sempre. Ah, claro que deve ter havido uma época, provavelmente quando eu ainda usava fralda, em que eu não era responsável pelas contas e nem pela papelada e nem pela cozinha e nem pelo equilíbrio de um modo geral, mas eu não conseguia me lembrar desse tempo.

Abandonar minha mãe cuidando de si mesma sozinha era mesmo a coisa certa a fazer? Pareceu ser, ao menos durante os meses em que lutei para chegar a essa decisão. Mas agora parecia completamente errado.

É claro que de uns tempos para cá ela tem o Phil, então as contas provavelmente serão pagas na data de vencimento, haverá comida na geladeira, gasolina no carro e alguém para quem ela vai poder ligar quando se perder... Ela não precisa mais tanto de mim.

— Eu *quero* ir — menti. Nunca menti bem, mas vinha contando essa mesma mentira com tanta frequência ultimamente que agora parecia quase convincente.

— Diga a Charlie que mandei lembranças.

— Vou dizer.

— Verei você em breve — prometeu ela. — Pode vir para casa quando quiser... Eu volto assim que você precisar de mim.

Mas eu sabia o quanto lhe custaria fazer isso.

— Não se preocupe comigo — insisti. — Vai ser ótimo. Eu te amo, mãe.

Ela me abraçou com força por um minuto, depois passei pelos detectores de metal e ela se foi.

De Phoenix até Seattle são três horas de voo, mais uma hora em um pequeno avião até Port Angeles, e depois uma hora de carro até Forks. Voar nunca me incomodou; a hora no carro com Charlie, porém, era meio preocupante.

Charlie foi bem legal com tudo. Parecia realmente satisfeito que eu, pela primeira vez, fosse morar com ele por um período mais longo. Já tinha feito minha matrícula na escola e ia me ajudar a comprar um carro.

Mas ia ser estranho. Não éramos o que se chamaria de extrovertidos — talvez essa seja uma característica necessária para alguém conviver com minha mãe. Além do mais, o que havia para ser dito? Eu nunca escondi o que achava de Forks.

Quando pousei em Port Angeles, estava chovendo. Não foi um presságio, só era inevitável. Eu já tinha dado adeus ao sol.

Charlie me aguardava na radiopatrulha. Eu também esperava por isso. Charlie é o chefe de polícia Swan para o bom povo de Forks. Minha principal motivação por trás da compra de um carro, apesar da verba extremamente escassa, era que eu odiava andar pela cidade em um carro com luzes vermelhas e azuis no teto. Nada deixa o trânsito mais lento do que um policial.

Saí cambaleando do avião direto para Charlie e um desajeitado abraço de um braço só.

— É bom ver você, Beau — disse ele, sorrindo enquanto automaticamente me ajudava a me firmar. Demos tapinhas nas costas um do outro, constrangidos, depois demos um passo para trás. — Você não mudou muito. Como está a Renée?

— Mamãe está ótima. É bom ver você também, pai. — Eu não podia chamá-lo de Charlie na frente dele.

— Você está bem mesmo com a ideia de deixá-la?

Nós dois entendíamos que essa pergunta não era sobre minha felicidade pessoal. Era para saber se eu estava desviando da responsabilidade de cuidar dela. Foi por esse motivo que Charlie nunca brigou com minha mãe pela minha guarda; ele sabia que ela precisava de mim.

— Estou. Eu não estaria aqui se não tivesse certeza.

— Tudo bem.

Eu tinha só duas bolsas esportivas. A maior parte das minhas roupas do Arizona era leve demais para o clima de Washington. Minha mãe e eu havíamos juntado nossos recursos para complementar meu guarda-roupa de inverno, mas ainda não era muita coisa. Eu podia carregar as duas bolsas, mas Charlie insistiu em levar uma.

Isso tirou um pouco meu equilíbrio; não que eu tivesse muito, principalmente depois do pico de crescimento. Meu pé se prendeu na beirada da porta de saída, e a bolsa acertou o cara que estava tentando entrar.

— Ah, desculpe.

O cara não era muito mais velho do que eu e era bem mais baixo, mas veio para cima de mim com o queixo erguido. Consegui ver tatuagens nos dois lados do pescoço. Uma mulher pequena com o cabelo tingido de preto olhou para mim de forma ameaçadora ao lado dele.

— *Desculpe?* — repetiu ela, como se meu pedido de desculpas tivesse sido

ofensivo.

— Hã, é.

E então, a mulher reparou em Charlie, que estava de uniforme. Charlie não precisou nem dizer nada. Ele só olhou para o sujeito, que deu meio passo para trás e de repente pareceu bem mais jovem, e depois para a garota, cujos lábios vermelhos grudentos faziam beicinho. Sem dizer uma palavra, eles desviaram de mim e entraram no pequeno terminal.

Charlie e eu demos de ombros ao mesmo tempo. Era engraçado como tínhamos alguns maneirismos iguais mesmo não passando muito tempo juntos. Talvez fosse genético.

— Achei um bom carro para você, baratinho — anunciou Charlie quando já estávamos de cinto e a caminho de casa.

— Que tipo de carro? — perguntei, desconfiado do modo como ele disse “um bom carro para *você*” em vez de simplesmente “um bom carro”.

— Bom, na verdade é uma picape, um Chevy.

— Onde o achou?

— Se lembra da Bonnie Black, de La Push? — La Push é a pequena reserva indígena no litoral próximo.

— Não.

— Ela e o marido costumavam pescar com a gente no verão — incentivou Charlie.

Isso explicava por que eu não me lembrava dela. Eu era bastante competente em bloquear da minha memória coisas dolorosas.

— Ela agora está numa cadeira de rodas — continuou Charlie quando eu não respondi —, não pode mais dirigir, e ofereceu a picape por um preço baixo.

— De que ano é? — Pude ver, pela mudança na expressão dele, que era a pergunta que ele esperava que eu não fizesse.

— Bom, a Bonnie mandou fazer muita coisa no motor... Na realidade, só tem alguns anos.

Ele achava que eu desistiria com tanta facilidade?

— Quando foi que ela comprou?

— Comprou em 1984, eu acho.

— Ela a comprou nova?

— Bom, não. Acho que era nova no início dos anos 60... Ou final dos anos 50, no máximo — admitiu ele timidamente.

— Cha... Pai, eu não entendo nada de carros. Não conseguiria consertar nada

que quebrasse, e não posso pagar um mecânico...

— Falando sério, Beau, o troço funciona muito bem. Não fazem mais carros assim.

*O troço*, pensei comigo mesmo... A palavra vinha carregada de possibilidades, como apelido, na melhor das hipóteses.

— É barata, barata mesmo? — Afinal, essa era a parte determinante.

— Bom, filho, já está meio que comprado para você. Como um presente de boas-vindas. — Charlie me olhou de lado com uma expressão esperançosa.

Caramba. De graça.

— Não precisava fazer isso, pai. Eu mesmo ia comprar um carro.

— Tudo bem. Quero que você seja feliz aqui.

Ele estava olhando para a estrada à frente ao dizer isso. Charlie nunca ficava à vontade quando se tratava de externar as emoções em voz alta. Mais uma coisa que tínhamos em comum. Então fiquei olhando para a frente quando respondi.

— Isso é demais, pai. Eu agradeço muito. — Não era necessário acrescentar que ele estava falando sobre impossibilidades. Não ajudaria em nada fazê-lo sofrer junto comigo. E a picape dada não se olham os dentes, nem o motor.

— Não foi nada — murmurou ele, constrangido com minha gratidão.

Trocamos mais alguns comentários sobre o clima, que estava úmido, e a maior parte da conversa não passou disso. Ficamos olhando pela janela.

Acho que o lugar devia ser lindo. Tudo era verde: as árvores cobertas de musgo, tanto os troncos quanto os galhos, a terra coberta de samambaias. Até o ar ficava verde ao ser filtrado pelas folhas.

Era verde demais — um planeta alienígena.

Por fim chegamos à casa de Charlie. Ele ainda morava na casinha de dois quartos que comprara com minha mãe nos primeiros tempos de seu casamento. Aqueles foram os únicos tempos que o casamento teve — os primeiros. Ali, estacionada na rua na frente da casa que nunca mudava, estava minha nova — bom, nova para mim — picape. Era de um vermelho desbotado, com para-lamas grandes e arredondados e uma cabine bulbosa.

E eu adorei. Eu não era o tipo de cara que curti carros, então fiquei meio surpreso com minha própria reação. Eu nem sabia se ia funcionar, mas podia me ver nela. Além disso, era um daqueles monstros sólidos que não quebram nunca — do tipo que se vê na cena de um acidente, a pintura sem um arranhão, cercado pelas peças do carro importado que foi destruído.

— Caramba, pai, é incrível! Obrigado! — Entusiasmo de verdade agora. Além

de a picape ser estranhamente legal, eu agora não teria que andar três quilômetros na chuva até a escola de manhã. Nem teria que aceitar uma carona na radiopatrulha, que era a pior perspectiva de todas.

— Que bom que você gostou — disse Charlie rudemente, de novo sem graça.

Apenas uma viagem foi necessária para levar minhas coisas para cima. Fiquei com o quarto do lado oeste, que dava para o jardim da frente. O quarto era familiar; me pertencia desde que nasci. O piso de madeira, as paredes azul-claras, o teto pontiagudo, as cortinas surradas quadriculadas azuis e brancas na janela — tudo isso fazia parte da minha infância. As únicas mudanças que Charlie fizera foram trocar o berço por uma cama e acrescentar uma escrivaninha, à medida que eu crescia. A mesa agora tinha um computador de segunda mão, com a linha telefônica para o modem grampeada pelo chão até a tomada de telefone mais próxima. Isso foi uma das exigências da minha mãe, assim poderíamos manter contato facilmente. A cadeira de balanço de meus tempos de bebê ainda estava no canto.

Só havia um banheiro pequeno no segundo andar, que eu teria que dividir com Charlie, mas eu já dividia com minha mãe antes, e sem dúvida era pior. Ela tinha bem mais coisas, e resistia bravamente às minhas tentativas de organizar tudo.

Uma das melhores coisas em Charlie é que ele não fica rondando a gente. Deixou-me sozinho para desfazer as malas e me acomodar, o que teria sido impossível para minha mãe. Era legal ficar sozinho, sem ter que sorrir e parecer à vontade; um alívio olhar pela janela para a chuva forte e deixar os pensamentos ficarem sombrios.

A Forks High School tinha apenas 357 — agora 358 — alunos; em Phoenix, havia mais de setecentas pessoas só do meu ano. Todos os jovens daqui foram criados juntos — seus avós engatinharam juntos. Eu seria o garoto novo da cidade grande, para quem todos olhariam fixamente e sobre quem cochichariam.

Talvez, se fosse um garoto descolado, eu pudesse fazer com que isso funcionasse a meu favor. Se chegasse com jeitão popular, de rei do baile. Mas não dava para esconder o fato de que eu não era *esse cara*, nem o astro do futebol americano, nem o presidente da turma, nem o *bad boy* de moto. Eu era o garoto com cara de que devia ser bom no basquete, mas só até eu começar a andar. O garoto que era empurrado em armários até crescer vinte centímetros de repente no primeiro ano. O garoto que era quieto demais e branco demais, que não sabia nada sobre videogames e sobre carros e nem estatísticas de beisebol e nem nada que deveria conhecer.

Diferentemente dos outros caras, eu não tinha um monte de tempo livre para hobbies. Eu tinha um orçamento para controlar, um ralo entupido para desbloquear e compras da semana para fazer.

Ou costumava ter.

Por isso, não me relacionava bem com as pessoas da minha idade. Talvez a verdade fosse que eu não me relacionava bem com as pessoas, ponto final. Até a minha mãe, de quem eu era mais próximo do que de qualquer outra pessoa do planeta, nunca me entendeu de verdade. Às vezes eu me perguntava se via as mesmas coisas que o resto do mundo. Se o que eu via como verde era o que todo mundo via como vermelho. Talvez eu sentisse cheiro de vinagre quando as pessoas estivessem sentindo cheiro de coco. Talvez houvesse um problema no meu cérebro.

Mas não importava a causa. Só o que importava era o efeito. E amanhã seria só o começo.



Não dormi bem naquela noite, mesmo depois de conseguir fazer a cabeça parar de trabalhar. Ao fundo o ruído constante da chuva e do vento no telhado não desaparecia. Puxei o velho cobertor sobre a cabeça e mais tarde coloquei também o travesseiro. Mas só consegui dormir depois da meia-noite, quando a chuva finalmente se aquietou num chuvisco mais silencioso.

Só o que eu conseguia ver pela minha janela de manhã era uma neblina densa, e sentia a claustrofobia rastejando em minha direção. Nunca dava para ver o céu aqui; era como a cela de prisão que imaginei.

O café da manhã com Charlie foi silencioso. Ele me desejou boa sorte na escola. Agradei, sabendo que as esperanças dele eram perda de tempo. A boa sorte geralmente me evitava. Charlie saiu primeiro para a delegacia, que era sua esposa e sua família. Depois que ele partiu, fiquei sentado à velha mesa quadrada de carvalho, em uma das três cadeiras que não combinavam, e observei a pequena cozinha, com as paredes escuras revestidas de madeira, armários de um amarelo vivo e piso de linóleo branco. Nada havia mudado. Minha mãe tinha pintado os armários dezoito anos antes numa tentativa de colocar algum raio de sol na casa. Acima da pequena lareira na microscópica sala adjacente, havia uma fileira de fotos. Primeiro, uma foto do casamento de Charlie e minha mãe em Las Vegas; depois, uma de nós três no hospital em que nasci, tirada por uma enfermeira prestativa, seguida pela procissão das minhas fotos de escola até aquele ano. Era

constrangedor olhar aquilo: os cortes feios de cabelo, os anos de aparelho, a acne que finalmente sumiu. Eu teria de pensar no que poderia fazer para que Charlie as colocasse em outro lugar, pelo menos enquanto eu morasse aqui.

Ao observar a casa, era impossível não perceber que Charlie jamais superou a perda da minha mãe. Isso me deixou pouco à vontade.

Eu não queria chegar cedo demais na escola, mas não conseguia mais ficar ali. Vesti meu casaco — de plástico grosso e não respirável, como um traje de biossegurança — e saí para a chuva.

Ainda estava chovendo, não o suficiente para me ensopar, enquanto peguei a chave da casa, sempre escondida debaixo do beiral, e tranquei a porta. O chapinhar das minhas novas botas impermeáveis era estranho. Senti falta do habitual esmagar de cascalho enquanto andava.

Dentro da picape estava agradável e seco. Bonnie, ou Charlie, obviamente tinha feito uma limpeza, mas os bancos com estofado caramelo ainda cheiravam levemente a tabaco, gasolina e hortelã. Para meu alívio o motor pegou rapidamente, mas era barulhento, rugindo para a vida e depois rodando em um volume alto. Bom, uma picape daquela idade teria suas falhas.

O rádio antigo funcionava, um bônus que eu não esperava.

Não foi difícil encontrar a escola; como a maioria dos lugares, ficava perto da rodovia. De cara, não pareceu que era uma escola; o que me deu a dica foi a placa, que dizia Forks High School. Era um conjunto de casas iguais, construídas com tijolos marrons. Havia tantas árvores e arbustos que no início não consegui calcular seu tamanho. Onde estava o espírito da instituição?, eu pensei. Onde estavam as cercas de tela, os detectores de metal?

Estacionei perto do primeiro prédio, que tinha uma plaquinha acima da porta dizendo SECRETARIA. Ninguém mais havia estacionado ali, então eu certamente estava em local proibido, mas decidi me informar lá dentro em vez de ficar dando voltas na chuva feito um idiota.

Lá dentro, o ambiente era bem iluminado e mais quente do que eu imaginava. O escritório era pequeno; com uma salinha de espera com cadeiras dobráveis acolchoadas, carpete laranja manchado, recados e prêmios atravancando as paredes, um relógio grande tiquetaqueando alto. Havia plantas por toda parte em vasos grandes de plástico, como se não houvesse verde suficiente do lado de fora. A sala era dividida ao meio por um balcão comprido, abarrotado de cestos de arame cheios de papéis e folhetos de cores vivas colados na frente. Havia três

mesas atrás do balcão; um homem redondo e careca de óculos estava sentado atrás de uma. Ele vestia uma camiseta, o que de imediato fez com que eu me sentisse vestido demais para aquele tempo.

O homem careca olhou para mim.

— Posso ajudá-lo?

— Sou Beau Swan — informei-lhe, e vi o reconhecimento imediato nos olhos dele. Eu era esperado, já assunto de fofoca. O filho do chefe de polícia, que tinha uma mãe desequilibrada, finalmente voltava para casa.

— É claro — disse ele. E cavucou uma pilha instável de documentos na mesa até encontrar o que procurava. — Seu horário está bem aqui, Beaufort, e há um mapa da escola. — Ele trouxe várias folhas ao balcão para me mostrar.

— Hã, só Beau, por favor.

— Ah, claro. Beau.

Ele indicou minhas salas de aula, destacando no mapa a melhor rota para cada uma delas, e me deu uma caderneta que cada professor teria que assinar e que eu teria que levar de volta no final do dia. Sorriu para mim e disse, como Charlie, que desejava que eu gostasse de Forks. Sorri também, da maneira mais convincente que pude.

Quando voltei à picape, outros alunos começavam a chegar. Dirigi pela escola, seguindo o trânsito. A maioria dos carros eram mais velhos que o meu, nada chamativos. Em Phoenix, eu morava em um dos poucos bairros de baixa renda incluídos no distrito de Paradise Valley. Era comum ver um Mercedes ou um Porsche novo no estacionamento dos alunos. O carro mais legal aqui era um Volvo prateado novinho, que se destacava. Ainda assim, desliguei o motor logo que cheguei a uma vaga, para que o barulho estrondoso não chamasse a atenção para mim.

Olhei o mapa na picape, tentando agora memorizá-lo; esperava não ter que andar com ele diante do nariz o dia todo. Enfiei tudo na mochila, passei a alça no ombro e respirei bem fundo. *Não vai ser tão ruim*, menti para mim mesmo. Mas, falando sério, nem era uma situação de vida ou morte, era só a escola. Ninguém ia me morder. Por fim, soltei o ar e saí da picape.

Puxei o capuz por cima do rosto ao andar para a calçada, apinhada de adolescentes. Meu casaco preto e simples não chamava a atenção, como percebi com alívio, embora não houvesse muito que eu pudesse fazer em relação à minha altura. Encolhi os ombros e mantive a cabeça baixa.

Depois de chegar ao refeitório, foi fácil localizar o prédio três. Um grande “3”

estava pintado em preto num quadrado branco no canto leste. Segui duas capas de chuva unissex pela porta.

A sala de aula era pequena. As pessoas na minha frente pararam junto à porta para pendurar os casacos em uma longa fileira de ganchos. Imitei-as. Havia duas meninas, uma loura com a pele cor de porcelana, a outra igualmente pálida, com cabelo castanho-claro. Pelo menos minha pele não se destacaria aqui.

Entreguei a caderneta à professora, uma mulher magra com pouco cabelo cuja mesa tinha uma placa identificando-a pelo nome, “Sra. Mason”. Ela me encarou com surpresa quando viu meu nome — não foi uma reação que me encorajasse —, e consegui sentir o fluxo sanguíneo subir todo para o rosto, sem dúvida formando manchas horríveis nas minhas bochechas e no meu pescoço. Mas pelo menos ela me mandou sentar numa carteira vazia no fundo da sala, sem me apresentar à turma. Tentei me encolher atrás da mesinha da forma mais discreta possível.

Era mais difícil meus novos colegas ficarem me encarando lá atrás, mas de algum jeito eles conseguiram. Mantive os olhos baixos na bibliografia que a professora me dera. Era bem básica: Brontë, Shakespeare, Chaucer, Faulkner. Eu já tinha lido tudo. Isso era reconfortante... e entediante. Imaginei se minha mãe me mandaria minha pasta com os trabalhos antigos, ou se ela pensaria que isso era cola. Tive várias discussões com ela em minha cabeça enquanto a professora falava monotonamente.

Quando tocou o sinal, uma garota magricela com problemas de pele e cabelo preto feito uma mancha de óleo se inclinou para falar comigo.

— Você é Beaufort Swan, não é? — Ela parecia direitinho o tipo prestativo de clube de xadrez.

— Beau — corrigi. Todo mundo num raio de três carteiras se virou para me olhar.

— Qual é a sua próxima aula? — perguntou ela.

Tive que olhar na mochila.

— Hmm, educação cívica, com Jefferson, no prédio seis.

Para onde quer que eu me virasse, encontrava olhos curiosos.

— Vou para o prédio quatro, posso mostrar o caminho. — Sem dúvida, superprestativa. — Meu nome é Erica — acrescentou ela.

Eu forcei um sorriso.

— Obrigado.

Pegamos nossos casacos e fomos para a chuva, que tinha aumentado. Eu podia

jurar que várias pessoas atrás de nós se aproximavam o bastante para ouvir o que dizíamos. Esperava não estar ficando paranoico.

— E aí, aqui é bem diferente de Phoenix, não é? — perguntou ela.

— Muito.

— Não chove muito lá, não é?

— Três ou quatro vezes por ano.

— Puxa, como deve ser isso? — comentou ela, maravilhada.

— Ensolarado — retruquei.

— Você não é muito bronzeado.

— Minha mãe é meio albina.

Apreensiva, ela examinou meu rosto, e eu sufoquei um grunhido. Parecia que nuvens e senso de humor não se misturavam. Alguns meses disso e eu esqueceria como usar o sarcasmo.

Voltamos pelo refeitório até os prédios do sul, perto do ginásio. Erica me levou à porta, embora tivesse uma placa bem evidente.

— Então, boa sorte — disse ela enquanto eu pegava a maçaneta. — Talvez a gente tenha mais alguma aula juntos. — Ela parecia esperançosa.

Sorri para ela de um jeito que torci para que não parecesse encorajador e entrei.

O resto da manhã se passou do mesmo jeito. Minha professora de trigonometria, a Sra. Varner, que de qualquer forma eu teria odiado por causa da matéria que ensinava, foi a única que me fez parar diante da turma para me apresentar. Eu gaguejei, fiquei cheio de manchas vermelhas e tropecei em minhas próprias botas ao seguir para a carteira.

Depois de duas aulas, comecei a reconhecer alguns rostos em cada turma. Sempre havia alguém mais corajoso do que os outros, que se apresentava e me perguntava se eu estava gostando de Forks. Tentei ser diplomático, mas na maioria das vezes apenas menti. Pelo menos não precisei do mapa.

Em todas as aulas, os professores começavam me chamando de Beaufort, e apesar de eu corrigi-los na mesma hora, era deprimente. Demorei anos para superar Beaufort; muito obrigado, vovô, por morrer meses antes de eu nascer e fazer minha mãe se sentir obrigada a homenageá-lo. Ninguém em casa lembrava mais que Beau era apelido. Agora, eu tinha que começar tudo de novo.

Um garoto se sentou ao meu lado nas aulas de trigonometria e espanhol e me acompanhou até o refeitório na hora do almoço. Era baixinho, não chegava nem ao meu ombro, mas o cabelo escuro, rebelde e cacheado compensava um pouco a diferença de altura entre nós. Não conseguia me lembrar do nome dele, então eu

sorria e assentia enquanto ele tagarelava sobre professores e aulas. Não tentei acompanhar a falação.

Sentamos à ponta de uma mesa cheia de vários de seus amigos, que ele me apresentou; eu não podia reclamar da educação ali. Esqueci o nome de todos assim que ele os enunciou. Eles pareceram achar legal ele ter me convidado. A menina da aula de inglês, Erica, acenou para mim do outro lado do salão, e todo mundo riu. Eu já era motivo de piada. Devia ser um novo recorde para mim. Mas ninguém pareceu estar rindo com crueldade.

Foi ali, tentando conversar com sete estranhos curiosos, que eu os vi pela primeira vez.

Estavam sentados no canto do refeitório, à maior distância possível de onde eu me encontrava no salão comprido. Eram cinco. Não estavam conversando e nem comendo, embora cada um deles tivesse uma bandeja de comida diante de si. Não me encaravam, ao contrário da maioria dos outros alunos, por isso era seguro observá-los. Mas não foi nada disso que atraiu minha atenção.

Eles não eram nada parecidos.

Havia três garotas; dava para ver que uma era superalta, até mesmo sentada, talvez da minha altura, com pernas que não acabavam nunca. Ela provavelmente poderia ser capitã do time de vôlei, e eu tinha certeza de que ninguém gostaria de ficar no caminho de uma cortada dela. Tinha cabelo escuro e ondulado, preso em um rabo de cavalo descuidado.

Outra tinha cabelo cor de mel na altura dos ombros; não era tão alta quanto a morena, mas devia ser mais alta do que a maioria dos outros garotos da minha mesa. Havia algo de intenso nela, de ousado. Era meio estranho, mas, por algum motivo, ela me fez pensar em uma atriz que vi em um filme de ação algumas semanas antes, que matou mais de dez caras com uma machete. Eu me lembrava de ter pensado que não acreditava, que não havia como a atriz encarar tantos caras maus e vencer. Mas agora estava começando a achar que talvez tivesse acreditado, se a personagem tivesse sido interpretada por *aquela* garota.

A última garota era menor, o cabelo um meio termo entre ruivo e castanho, mas diferente dessas duas cores, meio metálico, tipo cor de bronze. Ela parecia mais nova do que as outras duas, que podiam facilmente estar na faculdade.

Os dois garotos eram opostos. O mais alto, que era mais alto do que eu, eu diria que com um metro e noventa e cinco ou até mais, era o atleta da escola. E rei do baile. E o cara que tinha prioridade no aparelho que quisesse na sala de musculação. O cabelo louro e liso estava preso em um coque na nuca, mas não

havia nada de feminino no penteado; de alguma forma, fazia com que parecesse mais homem. Ele era descolado demais para aquela escola e qualquer outra que eu pudesse imaginar.

O cara mais baixo era magro, com cabelo escuro cortado tão curto que não passava de uma sombra no couro cabeludo.

Eram totalmente diferentes, mas, ao mesmo tempo, eram todos tão parecidos. Cada um deles era pálido como giz, os alunos mais brancos que viviam nesta cidade sem sol. Mais brancos do que eu, o albino. Todos tinham olhos muito escuros (de onde eu estava, pareciam pretos), apesar da variação de cor dos cabelos. Também tinham olheiras — arroxeadas, em tons de hematoma. Talvez os cinco estivessem chegando de uma noitada. Ou estivessem se recuperando de um nariz quebrado. Mas os narizes, todos os seus traços, eram retos, angulosos.

Só que não era por isso que eu não conseguia desgrudar os olhos.

Fiquei olhando porque seus rostos, tão diferentes, tão parecidos, eram completa, arrasadora e inumanamente lindos. As garotas e os garotos, lindos. Eram rostos que não se via na vida real, só em páginas de revista ou outdoors. Ou em um museu, pintados por um antigo mestre como a face de um anjo. Era difícil acreditar que eles eram de verdade.

Concluí que a mais bonita de todas era a garota menor com o cabelo cor de bronze, embora eu presumisse que a metade feminina do corpo estudantil votaria no sujeito louro com cara de ator de cinema. Mas elas estariam enganadas. Todos eram lindos, mas a garota era mais do que bonita. Ela era simplesmente perfeita. Era um tipo de perfeição perturbadora e incômoda. Deixou meu estômago embrulhado.

Todos estavam olhando para longe; para longe uns dos outros, para longe do resto dos alunos, para longe de qualquer coisa em particular, pelo que eu podia notar. Pensei em modelos posando de forma muito artística para propagandas, em tédio estético. Enquanto eu observava, o garoto magro e quase careca se levantou com a bandeja — o refrigerante fechado, a maçã sem nenhuma dentada — e se afastou com passos longos, rápidos e graciosos apropriados para uma passarela. Fiquei olhando, me perguntando se havia uma companhia de dança na cidade, até que ele largou a bandeja no lixo e seguiu para a porta dos fundos, mais rápido do que eu teria considerado possível. Meus olhos dispararam de volta aos outros, que não tinham se mexido.

— Quem são *eles*? — perguntei ao cara da minha turma de espanhol, cujo nome eu esquecera.

Enquanto ele olhava para verificar de quem eu estava falando — embora já soubesse, provavelmente, pelo meu tom de voz —, de repente ela olhou para nós, a garota perfeita. Ela olhou para o meu vizinho só por uma fração de segundo, e depois seus olhos escuros fulguraram para mim. Eram olhos longos, curvados nos cantos, com cílios grossos.

Ela desviou os olhos rapidamente, mais rápido do que eu, que baixei o olhar assim que ela se virou para nós. Consegui sentir as manchas vermelhas surgindo no meu rosto. Naquele breve instante, seu rosto não transmitiu nenhum interesse — era como se ele tivesse chamado o nome dela, e ela olhasse numa reação involuntária, já tendo decidido não responder.

Meu vizinho riu uma vez, sem graça, olhando a mesa como eu.

Ele murmurou a resposta bem baixinho.

— São os Cullen e os Hale. Edith e Eleanor Cullen, Jessamine e Royal Hale. O que saiu é Archie Cullen. Todos moram com a Dra. Cullen e o marido.

Olhei de lado para a garota perfeita, que agora fitava a própria bandeja, desfazendo um pãozinho em pedaços com os dedos pálidos e finos. Sua boca se movia muito rapidamente, os lábios carnudos mal se abrindo. Os outros três continuavam olhando para longe, mas eu ainda achava que ela estava falando em voz baixa com eles.

Nomes estranhos. Antigos. O tipo de nome que têm os avós, como o meu nome. Mas talvez fosse moda por aqui? Nomes de cidade pequena? Finalmente me lembrei de que meu vizinho se chamava Jeremy. Era um nome perfeitamente comum. Havia dois meninos que se chamavam Jeremy na minha turma de história, na minha cidade.

— Eles são todos... muito bonitos. — Que minimização da verdade.

— É — concordou Jeremy com outra risada. — Mas todos estão *juntos*... Royal e Eleanor, Archie e Jessamine. Tipo namorando, sabe? E eles *moram* juntos. — Ele deu uma risadinha e balançou as sobrancelhas de forma sugestiva.

Eu não sabia por quê, mas essa reação me deu vontade de defendê-los. Talvez só por ele ter falado com um tom tão crítico. Mas o que eu podia dizer? Eu não sabia nada sobre eles.

— Quem são os Cullen? — perguntei, querendo mudar o tom, mas não o assunto. — Eles não parecem parentes... quer dizer, mais ou menos...

— Ah, eles não são. A Dra. Cullen é muito nova. Tem trinta e poucos anos. Os filhos Cullen são todos adotados. Os Hale, os louros, *são* mesmo irmãos, gêmeos, eu acho, e são filhos de criação.

— Parecem meio velhos para filhos de criação.

— Agora, são. Royal e Jessamine têm 18 anos, mas estão com o Sr. Cullen desde que eram pequenos. Ele é tio dos dois, eu acho.

— Isso é bem legal... eles cuidarem de todas essas crianças, quando eram tão novos e tudo isso.

— Acho que sim — disse Jeremy, apesar de parecer que ele preferia não dizer nada positivo. Como se não gostasse da médica e do marido por algum motivo... e, pelo jeito como olhava para os filhos adotivos, eu imaginava que podia haver certa inveja. — Mas acho que a Dra. Cullen não pode ter filhos — acrescentou ele, como se isso tornasse menos admirável o que eles faziam.

Durante toda essa conversa, não consegui afastar os olhos da estranha família por mais de poucos segundos. Eles continuavam a olhar para as paredes e não comiam.

— Eles sempre moraram em Forks? — perguntei. Como eu podia não os ter notado em um dos meus verões aqui?

— Não. Só se mudaram há dois anos, vieram de algum lugar do Alasca.

Senti uma onda estranha de pena e também alívio. Pena porque, apesar de lindos, eles ainda eram de fora, não eram aceitos. Alívio por eu não ser o único recém-chegado por aqui, e certamente não o mais interessante, por qualquer padrão.

Enquanto eu os examinava, a garota perfeita, uma dos Cullen, virou-se e encontrou meu olhar, dessa vez com uma expressão de evidente curiosidade. Quando desviei os olhos rapidamente, me pareceu que o olhar dela trazia uma espécie de expectativa frustrada.

— Quem é a garota de cabelo avermelhado? — perguntei.

Tentei olhar casualmente na direção dela, como se estivesse dando uma avaliada no refeitório; ela ainda estava me encarando, mas não com cara espantada, como os outros alunos hoje. Ela tinha uma expressão meio frustrada, que não entendi. Olhei para baixo novamente.

— É Edith. Ela é gata, é claro, mas não perca seu tempo. Ela não sai com ninguém. Ao que parece, nenhum dos caras daqui é bom o bastante para ela. — Jeremy falou com amargura, depois grunhiu. Eu me perguntei quantas vezes ela o tinha rejeitado.

Apertei os lábios para esconder um sorriso. Depois, olhei para ela de novo. Edith. Seu rosto estava virado para o outro lado, mas achei, pelo formato do pescoço, que ela também podia estar sorrindo.

Depois de mais alguns minutos, os quatro saíram da mesa juntos. Todos eram muito elegantes — até o rei do baile dourado. Era estranho vê-los juntos em movimento. Edith não voltou a olhar para mim.

Fiquei sentado à mesa com Jeremy e os amigos dele por mais tempo do que teria ficado se eu estivesse sozinho. Eu não queria me atrasar para as aulas no meu primeiro dia. Um de meus novos conhecidos, que me lembrou educadamente de que seu nome era Allen, tinha biologia II comigo no próximo tempo. Seguimos juntos em silêncio para a sala. Ele devia ser tímido como eu.

Quando entramos na sala, Allen foi se sentar em uma carteira de tampo preto de laboratório exatamente como as que eu costumava usar. Ela já tinha parceiro. Na verdade, todas as cadeiras estavam ocupadas, exceto uma. Ao lado do corredor central, reconheci Edith Cullen, por seu cabelo metálico incomum, sentada ao lado daquele único lugar vago.

Meu coração começou a bater um pouco mais rápido do que o normal.

Enquanto eu andava pelo corredor para me apresentar ao professor e conseguir que assinasse minha caderneta, eu a observava, tentando disfarçar. Assim que passei, ela de repente ficou rígida em seu lugar. Ela me olhou tão rápido que fui pego de surpresa, encontrando meus olhos com a expressão mais estranha do mundo — era mais do que zangada, era furiosa, hostil. Desviei o olhar, chocado, ruborizando de novo. Tropecei em um livro no caminho e tive que me apoiar na beira de uma mesa. A menina sentada ali riu.

Eu estava certo sobre os olhos. Eram pretos — pretos como carvão.

A Sra. Banner assinou minha caderneta e me passou um livro, sem nenhum dos absurdos das apresentações e sem mencionar meu nome completo. Consegui perceber que íamos nos dar bem. É claro que ela não teve alternativa a não ser me mandar para o lugar vago no meio da sala. Mantive os olhos baixos enquanto fui me sentar ao lado *dela*, querendo saber o que podia ter feito para ganhar o olhar hostil que ela me lançara.

Não olhei para cima ao colocar os livros na carteira e tomar meu lugar, mas, pelo canto do olho, vi sua postura mudar. Ela estava inclinada para longe de mim, sentada na ponta da cadeira, e desviava o rosto como se sentisse algum fedor. Discretamente, dei uma fungada. Minha camisa estava com cheiro de sabão em pó. Como isso podia ser ofensivo? Puxei a cadeira para a direita, dando o máximo de espaço possível a ela, e tentei prestar atenção à professora.

A aula era sobre anatomia celular, uma coisa que eu já estudara. De qualquer modo, tomei notas cuidadosamente, sempre olhando para baixo.

Eu não conseguia deixar de espiar a garota estranha ao meu lado de vez em quando. Durante toda a aula, ela não relaxou um minuto da postura rígida na ponta da cadeira, sentando-se o mais distante possível de mim. A mão estava fechada em punho em cima da coxa esquerda, os tendões sobressaindo por baixo da pele clara. Isso também ela não relaxou. Estava com as mangas compridas da blusa branca puxadas até os cotovelos, e os antebraços eram surpreendentemente rijos e musculosos sob a pele clara. Não consegui deixar de reparar no quanto a pele era perfeita. Não havia nenhuma sarda, nenhuma cicatriz.

A aula parecia se arrastar mais do que as outras. Seria porque o dia finalmente estava chegando ao fim, ou porque eu esperava que o punho dela relaxasse? Não aconteceu: ela continuou sentada tão imóvel que nem parecia respirar. Qual era o problema dela? Será que era seu comportamento normal? Questionei a avaliação que fiz da amargura de Jeremy no almoço. Talvez não fosse só ressentimento.

Isso não podia ter nada a ver comigo. Ela nunca tinha me visto na vida.

A Sra. Banner devolveu alguns testes quando a aula estava quase acabando. Entregou um para mim, para eu passar para a garota. Olhei para o alto automaticamente, cem por cento... e eu estava soletrando o nome dela errado em pensamento. Era Edythe, não Edith. Eu nunca tinha visto aquele nome escrito daquele jeito, mas combinava mais com ela.

Olhei para ela quando fui entregar o teste e me arrependi na mesma hora. Ele estava me olhando de cara feia, os olhos pretos e longos cheios de repugnância. Enquanto eu me encolhia para longe do ódio que irradiava dela, a expressão *se um olhar matasse* passou pela minha cabeça.

Naquele momento, o sinal tocou alto, fazendo-me pular, e Edythe Cullen saiu da carteira. Ela se movia como uma dançarina, com cada linha perfeita do corpo magro em harmonia com o resto, de costas para mim, e saiu pela porta antes que qualquer outro tivesse saído da carteira.

Fiquei paralisado no meu lugar, com um olhar vazio voltado para o local por onde ela saiu. Ela era tão grosseira. Comecei a pegar minhas coisas devagar, tentando bloquear a confusão e a culpa que se espalhavam em mim. Por que eu devia sentir culpa? Não fiz nada de errado. Como poderia? Eu nem fui apresentado a ela.

— Você não é Beaufort Swan? — perguntou uma voz de mulher.

Olhei para cima e vi uma garota bonitinha com cara de bebê, o cabelo cuidadosamente alisado em uma cortina louro-clara, sorrindo para mim de maneira simpática. Ela obviamente não achava que eu cheirava mal.

— Beau — corrigi com um sorriso.

— Meu nome é McKayla.

— Oi, McKayla.

— Precisa de ajuda para encontrar sua próxima aula?

— Vou para a educação física. Acho que consigo encontrar o caminho.

— É minha próxima aula também. — Ela pareceu animada, mas não era uma coincidência assim tão grande numa escola tão pequena.

Fomos para a aula juntos; ela era muito falante, alimentou a maior parte da conversa, o que facilitou minha vida. Tinha morado na Califórnia até os 10 anos, então sabia como eu me sentia com relação ao sol. Por acaso, também era minha colega na aula de inglês. Foi a pessoa mais legal que conheci nesse dia.

Mas, quando estávamos entrando no ginásio, ela perguntou:

— E aí, você furou a Edythe Cullen com um lápis ou o quê? Nunca a vi agir daquele jeito.

Eu me encolhi. Então não fui o único a perceber. E, ao que parecia, aquele *não era* o comportamento habitual de Edythe Cullen. Decidi me fazer de burro.

— Era a garota do meu lado na aula de biologia?

— Era — disse ela. — Parecia que estava sentindo alguma dor, sei lá.

— Não sei — respondi. — Nunca falei com ela.

— Ela é estranha. — McKayla se demorou ao meu lado em vez de ir para o vestiário. — Se eu tivesse a sorte de me sentar do seu lado, conversaria com você.

Eu sorri para ela antes de ir para a porta do vestiário masculino. Ela era simpática e parecia gostar de mim. Mas não foi suficiente para me fazer esquecer aquela hora estranha.

A professora de educação física, treinadora Clapp, encontrou um uniforme para mim, mas não me fez vesti-lo para aquela aula. Em Phoenix, só exigiam dois anos de educação física. Aqui, a matéria era obrigatória nos quatro anos. Minha versão particular do inferno.

Fiquei assistindo a quatro partidas de vôlei que aconteciam simultaneamente. Lembrando quantas lesões eu sofri — e infligi — jogando vôlei, e me senti meio nauseado.

O último sinal finalmente tocou. Andei devagar para a secretaria para entregar minha caderneta. A chuva tinha ido embora, mas o vento estava forte e mais frio. Fechei o casaco e enfiei a mão livre em um bolso.

Quando entrei no escritório aquecido, quase me virei e saí.

Edythe Cullen estava parada junto à mesa na minha frente. Era impossível não

reconhecer o cabelo bronze revoltado. Ela não pareceu reparar no som da minha entrada. Fiquei encostado na parede de trás, torcendo para que o recepcionista ficasse livre.

Ela estava discutindo com ele numa voz baixa e aveludada. Logo peguei a essência da discussão. Ela tentava trocar a aula de biologia para qualquer outro horário – qualquer outro.

Não *podia* ser por minha causa. Tinha de ser outra coisa, algo que acontecera antes de eu entrar na sala. A expressão dela devia ter sido por outro problema. Era impossível que uma estranha pudesse ter uma repulsa tão súbita e intensa por mim. Eu não era interessante o bastante para provocar uma reação tão forte.

A porta se abriu de novo, e o vento frio soprou pela sala, balançando os papéis na mesa, balançando meu cabelo. A menina que entrou limitou-se a ir até a mesa, colocou um bilhete na cesta de arame e saiu novamente. Mas Edythe Cullen enrijeceu as costas e se virou lentamente para olhar para mim — o rosto era ridiculamente perfeito, sem nenhuma marca que a fizesse parecer humana — com olhos penetrantes e cheios de ódio. Por um momento, senti um arrepio de medo *genuíno*, que eriçou os pelos dos meus braços. Como se ela fosse puxar uma arma e atirar em mim. O olhar só durou um segundo, mas foi mais gelado do que o vento frio. Ela se virou para o recepcionista.

— Então deixa pra lá — disse, rapidamente, numa voz de seda. — Estou vendo que é impossível. Muito obrigada pela ajuda. — Então, virou-se sem olhar para mim, e desapareceu porta afora.

Fui roboticamente até a mesa, minha cara pela primeira vez branca no lugar de vermelha, e entreguei a caderneta assinada.

— Como foi seu primeiro dia, filho? — perguntou o recepcionista.

— Bom — menti, a voz falhando. Consegui ver que não o convenci.

Quando fui para a picape, era quase o último carro no estacionamento. Parecia um abrigo, a coisa mais próxima de uma casa que eu tinha nesse buraco verde e úmido. Fiquei sentado lá dentro por um tempo, olhando sem enxergar pelo parabrisa. Mas logo fiquei com bastante frio, a ponto de precisar do aquecedor, então virei a chave e o motor rugiu. Voltei para a casa de Charlie, tentando não pensar em nada.

## 2. LIVRO ABERTO

O DIA SEGUINTE foi melhor... e pior.

Foi melhor porque ainda não estava chovendo, apesar de as nuvens estarem densas e pretas. Foi mais fácil porque eu sabia o que esperar do meu dia. McKayla veio se sentar comigo na aula de inglês e me acompanhou até a aula seguinte, com a Erica Clube de Xadrez olhando de cara feia o tempo todo; isso foi meio lisonjeiro. As pessoas não ficaram me encarando tanto como no dia anterior. No almoço, fiquei com um grupo grande que incluía McKayla, Erica, Jeremy, Allen e várias outras pessoas de cujos nomes e rostos agora eu me lembrava. Comecei a sentir que estava boiando na água, e não me afogando nela.

Foi pior porque eu estava cansado; ainda não tinha conseguido dormir com a chuva caindo na casa. Foi pior porque a Sra. Varner chamou meu nome na aula de trigonometria quando não levantei a mão, e acabei dando a resposta errada. Foi lamentável porque tive que jogar vôlei e, na única vez que não me abaixei para escapar da bola, acertei dois colegas de equipe na cabeça com uma jogada ruim. E foi pior porque Edythe Cullen não foi à escola.

Durante toda a manhã, tentei não pensar no almoço, sem querer me lembrar dos olhares cheios de ódio. Parte de mim queria confrontá-la e exigir que me dissesse qual era o problema. Enquanto estava deitado insone na cama, cheguei a imaginar o que diria. Mas eu me conhecia bem demais para pensar que realmente teria coragem de fazer isso. Talvez se ela não fosse tão linda.

Mas, quando entrei no refeitório com Jeremy, tentando evitar que meus olhos vasculhassem o lugar à procura dela e fracassando completamente, vi que seus quatro irmãos adotivos estavam sentados juntos à mesma mesa, e ela não estava com eles.

McKayla nos interceptou e nos conduziu à mesa dela. Jeremy pareceu empolgado pela atenção, e os amigos dele logo se juntaram a nós. Tentei prestar atenção nas conversas ao meu redor, mas continuei pouco à vontade, esperando a chegada de Edythe. Eu esperava que ela simplesmente me ignorasse quando chegasse e provasse que eu estava fazendo tempestade em copo de água.

Ela não apareceu, e fui ficando cada vez mais tenso.

Segui para a aula de biologia mais confiante quando, lá pelo final do almoço, ela ainda não tinha aparecido. McKayla, que estava começando a parecer estranhamente, sei lá, *possessiva* em relação a mim, andou ao meu lado até a sala de aula. Hesitei por um segundo na porta, mas Edythe Cullen também não estava lá. Soltei o ar e fui para o meu lugar. McKayla me seguiu, falando da futura viagem que faria à praia. Ela se demorou na minha carteira até o sinal tocar, depois sorriu para mim de um jeito tristonho e foi se sentar ao lado de um menino de aparelho e um corte de cabelo meio cuia.

Eu não queria ser arrogante, mas tinha quase certeza de que McKayla estava a fim de mim, o que era uma sensação estranha. As garotas não prestavam muita atenção em mim em Phoenix. Eu me perguntei se queria que ela gostasse de mim. Ela era bonitinha, mas a atenção que me dava me deixava pouco à vontade. Por quê? Porque ela me escolheu, em vez de eu escolhê-la? Era um motivo idiota. Era meu ego enlouquecido, como se a decisão tivesse que ser minha primeiro. Mas essa possibilidade não era tão idiota quanto a outra em que pensei: eu torcia para que não fosse pelo tempo que passei olhando para Edythe Cullen no dia anterior, mas estava com medo de ser. E essa era a coisa mais idiota do mundo, na verdade. Se eu baseasse minha reação à aparência de uma garota num rosto como o de Edythe, eu estava ferrado. Aquilo era fantasia, não realidade.

Fiquei feliz por ter a carteira só para mim, por Edythe estar ausente. Disse isso a mim mesmo várias vezes. Mas não conseguia me livrar da sensação irritante de que eu era o motivo da ausência dela. Era ridículo e egoísta pensar que eu podia afetar tanto uma pessoa. Era impossível. Mas eu não conseguia deixar de me preocupar.

Quando o dia de aula enfim terminou e o rubor pelo incidente no vôlei desapareceu do meu rosto, vesti rapidamente a calça jeans e o suéter pesado. Saí correndo do vestiário, satisfeito por descobrir que tinha conseguido escapar de McKayla por um tempo. Andei rapidamente para o estacionamento. Estava abarrotado de alunos indo embora. Entrei na minha picape e vasculhei a mochila para ter certeza de que tinha o que precisava.

Não era segredo que Charlie não sabia cozinhar grande coisa além de ovos fritos e bacon. Na noite anterior, pedi para cuidar da cozinha enquanto estivesse ali. Ele estava disposto a me deixar assumir. Uma busca rápida revelou que ele não tinha comida em casa. Então, fiz minha lista de compras, peguei o dinheiro no pote do armário rotulado DINHEIRO DA COMIDA e fui para o Thriftway.

Disparei meu motor ensurdecedor, ignorando as cabeças que se viravam na minha direção, e dei a ré para entrar na fila de carros que esperavam para sair do estacionamento. Enquanto aguardava, tentando fingir que o estrondo de furar os tímpanos vinha de outro carro, vi os dois Cullen e os gêmeos Hale entrando no carro deles. Era o Volvo novinho. Claro. Eu ainda não tinha percebido as roupas que usavam — fiquei hipnotizado demais pelos rostos. Agora que olhei, ficou óbvio que todos usavam roupas que deviam custar mais do que meu guarda-roupa inteiro. Com sua beleza extraordinária, eles podiam vestir sacos de lixo e ainda assim lançar moda. Parecia um exagero que fossem bonitos e também tivessem dinheiro. Mas, pelo que eu sabia, na maior parte do tempo a vida era assim. E aparentemente isso não lhes trazia aceitação por aqui.

Não, eu não acreditava plenamente nisso. O isolamento devia ser escolha deles; eu não conseguia imaginar nenhuma porta que não se abrisse para aquele grau de beleza.

Eles olharam para minha picape barulhenta quando passei, como todo mundo fez. Só que eles não eram como todo mundo. Vi o cara louro grande, devia ser Royal. Fazia sentido. Enfim, Royal estava casualmente com a mão no quadril da garota alta com cabelo escuro e ondulado, que parecia capaz de ficar tão à vontade na sala de musculação quanto ele. Ele devia ser uns cinco centímetros mais alto do que eu, mas só um centímetro maior do que ela. Apesar de ele ser um cara bem seguro, ainda fiquei meio surpreso de ele se sentir à vontade para fazer aquilo. Não que ela não fosse gata (ela era super-mega-gata), mas não era... abordável. Tipo, nem The Rock ousaria assobiar para ela, se é que você me entende. A garota loura me viu olhando, e a forma como apertou os olhos para mim me fez virar para a frente e pisar no acelerador. A picape não foi mais rápido, o motor só roncou mais alto.

O Thriftway não ficava longe da escola, só algumas ruas ao sul, junto à rodovia. Foi bom estar dentro do supermercado. Parecia normal. Sempre fiz as compras da casa, e me voltei com facilidade à rotina do trabalho familiar. O mercado era bem grande por dentro, e não consegui ouvir o bater da chuva no telhado para me lembrar de onde estava.

Quando cheguei em casa, guardei todos os mantimentos e rearrumei os armários até tudo estar organizado de um jeito que fizesse sentido. O sistema de Charlie era meio caótico. Eu esperava que ele não se importasse, que não tivesse TOC em relação à cozinha como eu. Quando fiquei satisfeito com a organização, comecei a preparar o jantar.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Crepúsculo/ Vida e morte"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).